



Estudo Etnográfico dos Clãs e Subclãs da Etnia Ticuna do Alto Solimões

Tamani Freitas, Nilda.¹

Flores Pinto, Maria Zeli.²

da Silva Almeida, Tiago.³

Verginia Fernandes Maia, Célia.⁴

Mendes dos Santos, Edilanê.⁵

Resumo

Este trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa etnográfica feita numa comunidade indígena da etnia ticuna no interior do Amazonas, Brasil. Buscou-se entender a dinâmica social dos clãs existente nesta cultura e sistematiza-la com o uso de grafos para aplicações no ensino de ciências, para isso utilizou-se o software livre Gephi que possui aplicações nos mais diversos contextos científicos e sociais. Verificou-se que esta pesquisa pode ser utilizada dentro da sala de aula contextualizada em diversas disciplinas.

Palavras chave: Ticuna; Clãs; Etnografia.

Categoria 2. Trabajos de investigación(em processo o concluidos).

Tema do trabalho 6. Contextos culturales y diversidad

Objetivos

O objetivo deste trabalho foi por meio da pesquisar etnográfica, entender a dinâmica social presente na etnia Ticuna devido a divisão de clãs; aplicar a teoria dos grafos aos clãs, mostrando visualmente por meio das redes as relações de uniões possíveis; Identificar as possíveis contextualizações no ensino de ciências.

¹ Estudante de Ciências Agrárias e do Ambiente da Universidade Federal do Amazonas. nildafreitasbc@gmail.com

² Estudante de Ciências Agrárias e do Ambiente da Universidade Federal do Amazonas. zelipinto@outlook.com

³ Estudante de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas. Tiagoalmeidatg88@gmail.com

⁴ Professora da Universidade Federal do Amazonas. celiamaia@ufam.edu.br

⁵ Professora da Universidade Federal do Amazonas. edilanemendes@ufam.edu.br

Marco teórico

A contextualização na educação escolar indígena

O significado de 'contextualização' segundo o dicionário é a "ação ou efeito de contextualizar, de apresentar as circunstâncias que rodeiam um fato, de inserir num contexto (...); Associação de um conhecimento ao seu ponto de início, origem e aplicação (Aurélio, 2017). Porém o interesse desta pesquisa está relacionado as concepções de contextualização no âmbito educacional.

Em geral, a implementação de novas metodologias para o Ensino de Ciências a fim de torna-la atrativa, deve contemplar estratégias de ensino diversificadas, como aprendizagem por projetos, aprendizagem ativa e significativa, interdisciplinaridade e relação com o cotidiano (Godoi & Mascarenhas, 2010).

Apesar destas estratégias aplicadas ao ensino na escola tradicional, muito se perde quando estas metodologias são aplicadas na educação escolar indígena sem a devida valorização da cultura. Antes da escola, a transmissão de saberes era realizada cotidianamente, a todo momento e em todo lugar. "A educação escolar, introduzida pelos brancos em função do contato, se contrapõe à educação propriamente indígena, aquela que inclui os diferentes processos tradicionais de socialização, específicos a cada povo" (Silva & Azevedo, 2004). Conforme Silva & Freitas (2014), tomando por referência a literatura sobre essa temática é possível inferir que no princípio a educação escolar imposta pelos europeus contribuiu para dizimação cultural de várias etnias.

Da imposição ao desejo, "a escola em meio indígena teve muitas faces e pautou-se por diferentes concepções, não só pedagógicas, mas também acerca do lugar que esses indivíduos deveriam ocupar na sociedade brasileira" (Freire, 2004, p. 36). Neste discurso, o estado brasileiro instituiu uma série de políticas que orientaram e orienta a oferta da educação escolar indígena no país (Silva & Freitas, 2011).

Sendo assim, inserir a cultura Ticuna dentro da sala de aula de forma contextualizando com o ensino de ciências por meio de um levantamento etnográfico, pode ser uma estratégia educacional importante, pois muito do que se tem observado é a perda da identidade destes povos.

Cada ticuna pertence a uma nação (nacüã), que em português se chama clã (Gruber, 1997). Segundo o mito, os heróis culturais, os irmãos Yoi e Ipi, criaram os humanos e suas nações, ensinando-lhes como se pintar e casar entre si (Gruber, 1992). Estes grupos clânicos são patrilineares, ou seja, os filhos herdaram a nação do pai. Os clãs identificadas por nomes de aves (também conhecido como clãs de pena) forma uma metade, enquanto as demais, identificadas por nomes de plantas, formam a outra. Os clãs ditam a posição social de cada membro sendo que cada clã é constituído por outras unidades chamadas subclãs.



Metodologia

Devido a finalidade deste trabalho, utilizou-se a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico que “é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo” (Spradley, 1979). O meio de investigação utilizado foi a pesquisa de campo, pois segundo Vergara (2009) dá-se pela investigação empírica realizada no local onde ocorre o fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Foram entrevistados dez moradores (8 idosos e 2 professores) da comunidade Filadélfia, distante cerca de 3,41 km da sede do município de Benjamin Constant-Amazonas-Brasil, buscando entender a dinâmica social presente naquela comunidade indígena. Optou-se por pessoas mais velhas devido ao processo de perda cultural que a comunidade tem enfrentado nos últimos anos, apesar dos jovens falarem a língua nativa, há uma desvalorização destes quanto as tradições. Os dados colhidos estavam relacionados aos clãs e subclãs e suas interações sociais ao formar alianças de casamento, os dados foram complementados por meio de levantamento bibliográfico, sendo catalogados quatro clãs metade plantas (Avaí, Buriti, Saúva e Onça) e oito metade aves (Arara, Mutum, Japó, Tucano, Manguari, Galinha, Urubu Rei e Gavião Real) com respectivamente treze e dezesseis subclãs. Depois de organizados em planilhas, utilizou-se o software livre Gephi⁶ que possibilita inúmeras aplicações em áreas como as ciências exatas, biológicas e sociais com a finalidade de formar a rede de interação social, mostrando as alianças possíveis, já que os clãs de pena só podem se unir em matrimônio aos clãs de planta e vice-versa.

Resultados

As entrevistas com os mais velhos da comunidade indígena Filadélfia mostrou a preocupação destes com a preservação das tradições. Apesar dos clãs das plantas (Tabela 1) e aves (Tabela 2) estarem intimamente relacionados com a própria história desta etnia, os jovens não consideram tão importante manterem esta tradição, pois o contato com a cultura do não índio os fizeram ter uma visão diferente perante seus ancestrais, os levando a indagar sua própria cosmogonia.

⁶ <https://gephi.org/>

Tabela 1. Metade planta

Cl�s	Subcl�s
Ava�	�a-ru (ava� grande) �s�everu (ava� pequeno) �ais�anari (jenipapo do igap�)
Buriti	�tema (buriti) ny�eni (n) �si (buriti fino)
Sa�va	�vaira (a�a�) �nai (n) y�� (sa�va) t�ku: (sa�va)
On�a	ts�i�va (seringarana) �na?n� (n) (pau mulato) �s�e�e (acapu) �ts�u: (n) a (caran�) �keture (maracaj�)

Fonte: adaptado <https://pib.socioambiental.org>

Tabela 2. Metade aves

Cl�s	Subcl�s
Arara	����ra (canind�) ����i (vermelha) moru: (maracan�) vo�o (maracan� grande) �a?ta (maracan� pequeno)
Mutum	��u?n� (n) (mutum cavalo) ai�veru: (urumutum)
Jap�	ba�r� (japu) kau:re (japihim)
Tucano	�tau: (tucano)
Maguari	���au: (n) a (manguari) dyavi�ru: (jaburu) tuyo:y�u (tuyuyu)
Galinha	o�ta (galinha)
Urubu Rei	�e?ts�a (urubu-rei)
Gavi�o Real	�da-v� (gavi�o real)

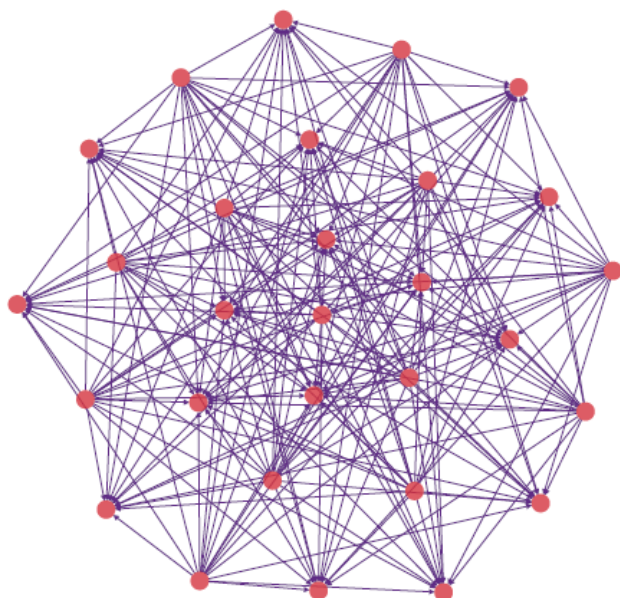
Fonte: adaptado <https://pib.socioambiental.org>

As entrevistas também serviram para validar as duas tabelas anteriores afim de organizar a rede de alianças possíveis caso a cultura seja levada em consideração. Dessa forma, chegou-se a 16 possibilidades de relacionamentos possíveis para cada subcl , pois o casamento dentro do mesmo cl    vetado,

por considerarem-se parentes independentes da consanguinidade. Ou seja, os subclãs formaram os 29 nós da rede (Figura 1), sendo que cada nó ficou ligado a 16 vértices (possibilidades de matrimônios). Utilizou-se grafo direcionado, desta forma os nós de saída estão relacionados por conveniência aos clãs de planta e os nós de chegada (que possuem a seta) aos clãs de aves, o contrário também poderia ser feito, tanto que o número de casamentos possíveis não seriam alterados. Neste formato de rede alguns vértices ficaram sobrepostos, impossibilitando a contagem dos 16 vértices em cada nó.

É necessário salientar que esta mesma conclusão poderia ser obtida por meio da análise combinatória que também está presente na teoria dos grafos.

Figura 1. Rede de alianças dos subclãs



Conclusões

Verificou-se que esta pesquisa etnográfica pode ser contextualizada por meio da interdisciplinaridade, por exemplo na Matemática (análise combinatória), História (mitologia e dinastia), Geografia, Sociologia (dinâmica social, sociedade e cultura), Biologia (genética) e Antropologia, além disso, permitindo ao professor ticuna o ensino da sua cultura aliado a teoria dos grafos.

A próxima etapa deste trabalho será o de pensar metodologias para aplicar o conteúdo de descendência clânica nestas disciplinas citadas em conjunto com os professores ticunas da comunidade Filadélfia em Benjamin Constant.



Revista Tecné, Episteme y Didaxis. Año 2018. Número **Extraordinario.** ISSN impreso: 0121-3814, ISSN web: 2323-0126
Memorias, Octavo Congreso Internacional de formación de Profesores de Ciencias para la Construcción de Sociedades Sustentables. Octubre 10, 11 Y 12 de 2018, Bogotá

Referencias bibliográficas

- Aurélio, B. H. de. (2017). *Dicionário on-line*. Acessado dezembro 22, 2017 em: <http://www.dicio.com.br/aurelio-2>
- Freire, J. R. B. (2004). *Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos*. In. Educação escolar indígena em Terra Brasilis, tempo de novo descobrimento. IBASE, Rio de Janeiro.
- Godoy, C. G. & Mascarenhas, M. C. (2010). *Ética e relações interpessoais*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização- Fundação Instituto de Administração, Brasília.
- GRUBER, J. G. (Org.). (1992). *A arte gráfica Ticuna*. In Lux Vidal (org): Grafismo Indígena. EDUSP: São Paulo. 249-264
- Gruber, J. G. (Org.) (1997). *Ticuna: O livro das árvores*. Projeto Educação Ticuna. Benjamin Constant-Amazonas, Brasil.
- Silva, A. R. & Freitas, M. C. S. (2014). A institucionalização da educação escolar indígena no Brasil. *Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas*, 06, 2238-6424.
- Silva, M. F. & Azevedo, M. M. (2004). *Pensando as Escolas dos Povos Indígenas no Brasil: O Movimento dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre*. In: Silva, A. L. & Grupioni, L. D. B. A temática indígena na escola: Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo.
- Spradley, J. (1979). *The ethnographic interview*. Forth Worth: Hancourt Brace Jovanovich. College, Illinois.
- Vergara, S. C. (2010). *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 12. ed. Atlas, São Paulo.